

LENDO ALAGOINHAS ATRAVÉS DE TEXTOS LITERÁRIOS E INFORMATIVOS: REVIRANDO E REVIVENDO MEMÓRIAS: RECEPÇÃO LITERÁRIA EM ASSOCIAÇÕES DE BAIRROS

Maria José de Oliveira SANTOS¹ (Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PROEX)

RESUMO: É recorrente o pensamento que nas escolas formais o contato com a Literatura nem sempre é agradável. Ocorre que, a recepção em contextos não-formais e itinerantes reserva surpresas e esta informação resulta de experiências com a extensão “Lendo Alagoinhas através de textos literários e informativos: revirando e revivendo memórias”, onde grupos de idades e sexos diferenciados, independente de escolaridade, participam de momentos de leituras através de produções informativas e literárias municipal. Processualmente, vinte pessoas se encontram entre três e quatro meses em bairros afastados do centro, porque foram selecionados em parceria com a União de Associação dos Moradores de Alagoinhas (UAMA). As atividades lidam com produções antigas e recentes a fim de que a parte jovem amplie conhecimentos e a parte mais vivida reelabore informações sobre o Século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Recepção literária. Associações de bairros. Memória.

1 Em torno da introdução

A relação, nem sempre afável, em quaisquer situações e graus intelectuais, de leitoras e leitores com o texto de qualquer gênero acompanha gerações. Isto porque, a ausência de prazer pela leitura perpassa desde contatos iniciais, citando-se a presença do ABC, que, se não é mais rotina nas escolas e salas de famílias, deixou marcas indeléveis na educação brasileira. A autoridade educadora predominava nessa pedagogia que exigia silêncio e medo para assegurar a retenção mnemônica dos sinais gráficos e escapar, muitas vezes, da palmatória e da violência do milho sobre os joelhos, por exemplo. A continuação dá-se com a imbatível Cartilha ainda obrigatória nas aulas de alfabetização.

Outro ponto a ser considerado reside na construção de sentido dos textos, que depende do repertório, variando de acordo com o lugar ocupado por cada pessoa. Segundo Kleiman (2004, p. 25) “A ativação do conhecimento prévio [...] é essencial [...] pois é o conhecimento que o leitor tem sobre o assunto que lhe permite fazer as inferências necessárias para relacionar [...] partes [...] num todo coerente”. Essas inferências podem seduzir e tornar ciente da necessidade de fazer da leitura uma atividade engajada em vez da recepção passiva, e, deste modo, opinando sobre situações que, antes, talvez, passassem despercebidas.

Terzy (2002) assevera que a leitura associa-se mais à idéia de fracasso e qualquer pronunciamento que se faça a esse respeito é sempre carregado de críticas geradas por conclusões apressadas como “O jovem não gosta de ler”. Alie-se a esta discussão a necessidade do envolvimento com textos de quaisquer gêneros para que seja informada (o) da

¹ Professora assistente, graduada e docente em Letras Vernáculas (UNEB-CAMPUS II). Mestra em Letras. Linha de pesquisa: Teoria e Crítica da Literatura e da Cultura. Tema: Crítica e historiografia literária baiana (UFBA). Especialista em Estudos Lingüísticos e Literários (Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS). Grupos de pesquisa da UNEB: Diadorim: Grupo de estudo de gênero e sexualidade. GRAPHO: Estudos Memórias e autobiografias. GEREL: Grupo de Estudos em Resiliência, Educação e Linguagens. Linha 3: Produção didático-pedagógica de base resiliente. Autora e coordenadora do Projeto história literária alagoinhense. Pesquisa recente: A educação das mulheres na produção literária de Maria Feijó: uma questão de gênero. Extensão: Lendo Alagoinhas através de textos literários e informativos: revirando e revivendo memórias.

sua necessidade para a vida, promovendo viagens passadas e presentes em torno de cidades, países, continentes, pessoas, acontecimentos.

Estudos contemporâneos apontam a necessidade de trabalhos fundamentados na concepção histórico-cultural, que considera como ponto de partida a dimensão dialógica da linguagem. Bakhtin (1997) ressalta necessidade da reflexão sobre os modos de participação do interlocutor no processo de produção, pois um discurso se organiza em função do outro. Pautada nesse pressuposto essa ação extensiva volta-se à recepção de textos literários produzidos por escritoras e escritores nascidos e/ou residentes em Alagoinhas-Bahia, tendo como exigência que as (os) participantes integrem associações de bairros filiadas a União de Associação de Moradores de Alagoinhas (UAMA) independentes de formação escolar, tendo como prioridade que o grupo participante reconheça os meandros do município a partir da sua vasta e diversa produção literária e informativa.

A leitura literária de textos escritos pela população local pode ser instrumento de memória e, assim sendo, recuperar e repensar realidades – crônicas, poemas, romances e cordeis permitem pensar, além de gêneros literários, nos momentos passados do município de modo diferente da História Oficial, porque a arte da palavra não tem compromisso com verdades instituídas. A Literatura sugere em vez de apontar, pois seu artesanato linguístico encarrega-se dessa eficiente operação.

Assim a leitura se mostra eficiente, pois a Literatura promove a inserção leitora em trajetórias de vida de escritoras e escritores ao lado das suas histórias pensadas sobre ruas e casa, situações e pessoas, conferindo-lhes sentidos. Mas, quando se trata de prática pedagógica esse lugar passa por um protocolo de leitura e é nesse ponto que a formação docente intervém, decisivamente, no tipo de recepção leitora.

E, para argumentar acerca da relação leitura e escrita as atividades são iniciadas identificando estratégias que influenciam no prazer pela leitura e, por sua vez, a possibilidade da escrita. E isto porque foi usada a leitura tanto como atividade anterior à escrita para ler imagens, fotografias e textos literários e informativos, quanto para rever conhecimentos anteriores e ampliar futuros com a responsabilidade de sugerir respeito às culturas locais. Deste modo, ao lado de Jorge Amado, Antonio Torres, Ciro de Matos, Aleiton Fonseca, consagrados escritores baianos, existem José Cyrillo, Jorge Galdino, José Olívio, Lázaro Zachariadhes, Altamiro Lira, Galdy Galdino, Maria Feijó, Miriam Pinto, Joanita Cunha, Maria José Ferreira, Ari Conceição, dentre outras e outros.

A leitura de escritoras e escritores alagoanhenses possibilita adentrar na cidade do interior baiano no século XX em sua riqueza histórico-cultural, sugerindo reflexão comprometida com fatos passados e presentes relacionados ao contexto e, deste modo, identificar e valorizar conterrâneos e moradores que também são artistas da palavra. A produção literária sugere fatos de um município marcado por tensões, conflitos e transformações. Deste modo, esta proposta de extensão itinerante apresenta-se como alternativa de sistematização da leitura na sala de aula e fora dela. Assim, apresentam-se, descompromissadamente, tipologias textuais (literários – contos, crônicas, poemas, romances; e informativos – jornais e revistas) com o objetivo de incitar no grupo participante o desejo pela ampliação do conhecimento sobre a cidade natal. Assim sendo, as histórias imaginadas suscitam, por sua vez, histórias em cada participante que passa a conhecer o acervo cultural do município.

A Literatura delimitada na proposta possibilita rememorar o passado alagoanhense por meio do forte movimento ferroviário que marcou economia e população local: “[...] Tudo isto significa haver entrado no trenzinho ‘Pirulito’, o ‘Maria Fumaça’, da ocasião, até Salvador”. (FEIJÓ, 1988, p. 54). Também, sugere que o comportamento das moças da “cidade grande” causou estranheza na escritora alagoanhense Maria Feijó, considerada provinciana pelas colegas de pensionato, ao mudar-se para o Rio de Janeiro: “Nesse belíssimo quarto 9, as duas

companheiras quando trocavam de roupa, o faziam de verdade, permanecendo horas completamente nuas, defronte do espelho” (FEIJÓ, 1988, p. 21).

Trata-se de uma extensão que exige esforços do grupo de pesquisa (coordenadora e monitoras) e envolvimento da parte dos grupos participantes, o que dobra nossas responsabilidades. As ações são delimitadas, sem fixidez, face tempo de permanência em cada associação, sendo necessários momentos de organização para apresentação dos resultados porque as diretorias das associações deixam clara essa necessidade. Assim sendo, consideramos a necessidade que o trabalho com as produções priorize gêneros textuais que tenham circulação na prática social. O curso funciona relacionando textos informativos antigos e contemporâneos do mesmo modo a ficção e tem como objetivo geral permitir acesso ao contexto histórico-cultural através da produção local, analisando identidades e peculiaridades de cada associação, garantindo presença de público diverso com as especificidades: conhecer fatos e acontecimentos relacionados às questões físicas e populacionais sugeridos nos contos, romances, poemas e cordéis; proporcionar momentos de leituras e tentativas de produções literárias através de oficinas e mini-cursos; ampliar conhecimentos no campo dos estudos culturais, impulsionando leituras e produções de mulheres e homens consideradas inferiores se relacionadas ao contexto da canonização; ampliar conhecimentos através de discussões que reflitam a realidade pelo viés híbrido, respeitando-se as diferenças.

Sobre início e termino a atividade segue as normas previstas no calendário da Universidade do estado da Bahia (UNEB/CAMPUS II), bem como, tempo de duração em cada associação, que pode ser renovado – entre dois e quatro meses – dependendo de feriados, obstáculos na associação, paralisações na UNEB, dentre outros.

Quanto às estratégias e procedimentos acontecem por meio de exposições, aulas práticas, oficinas e exposições, visitas técnicas, e outras que se fizerem necessárias nas quais participam vinte mulheres e homens a partir de dez anos independente de formação escolar. No caso do grupo adulto o envolvimento e afluência da subjetividade ocasionam momentos de satisfação e *catharsis* ao rememorar fatos e situações através de leituras várias; no caso da juventude e meninada oportunidade de aproximar-se, despretensiosamente, da leitura, auxiliando nas atividades da escrita ao tempo que refletem sobre as identidades culturais, especificamente, as dos bairros a fim de que se identifiquem e se reconheçam como sujeitos participantes e responsáveis pelos acontecimentos dos bairros e município. O processo de inscrição e seleção fica sob responsabilidade da diretoria, sendo que horário, turno, dia da semana e período de encontros foram discutidos com as diretorias do Alto da Cruz, Barreiro e Miguel Velho² a depender da disponibilidade do grupo, monitoria e professora coordenadora.³ A participação é gratuita e a escolha do público-alvo deu-se pelo fato de, ao longo de dez anos coordenando o projeto “História literária alagoanense” perceber

² O Conselho de Moradores do Alto da Cruz é uma sociedade civil, filosófica e filantrópica situado no bairro Santa Terezinha, compreendendo Vila Maçã, Vale e Alto da Cruz, cujo Presidente é o Senhor Juvêncio Oliveira. Destaque-se que uma exigência do projeto é que a associação tenha local para realização da atividade. Neste caso, aconteceu na Escola Comunitária Nova Esperança (ECNE). A Associação Comunitária do Bairro do Barreiro, natureza civil e filantrópica, localiza-se no populoso Barreiro cujo Presidente é o Senhor Osvaldo Santos, destacando-se que a ação extensiva aconteceu na Escola Deputado Luis Eduardo Magalhães, localizada no bairro, porque a associação abriga vários cursos profissionalizantes e/ou educativos. O Presidente da Sociedade Beneficente e Defesa dos Moradores do Miguel Velho, onde o curso funcionou alternando-se com a Escola Municipal José Honorato é o Senhor Francisco Santos, que, além da sede possibilitou que as atividades acontecessem na Escola Municipal José Honorato de acordo com necessidades, por exemplo, carteiras escolares – o transporte quinzenal de carteiras escolares para a Associação incomodou-me, então, permanecemos na Escola, salvo no encontro final, pois quis preservar laços do grupo com a associação e tudo que a envolve.

³ São monitoras as graduandas em Letras com Francês: Danielle Pinto (PROEX, depois FAE), Maria Lúcia Figueredo, Priscila Ribeiro e Vanessa Vila Flor (voluntárias)

o desconhecimento da população sobre a história do município e entender que a leitura literária pode ser alternativa interessante, enfatizando-se que a faixa etária delimitada tornou-se importante porque contempla várias gerações.

No que diz respeito aos recursos materiais são distribuídos os básicos para uma sala de aula⁴ a fim de que não se transforme em dificuldade para o grupo. Por exemplo: os bairros por onde passamos localizam-se afastados do centro da cidade – esta é a base da proposta e tem sido cumprida – e existem famílias que se dirigem ao centro da cidade no dia de fazer feira na Central de Abastecimento, que funciona diariamente, mas, o dia de preferência ainda continua sábado, inclusive face recebimento de pagamentos dos pais. Deslocamento implica em dinheiro e, embora os grupos não estejam inseridos na linha limite de pobreza extrema possuem outras necessidades básicas: alimentação, vestuário, medicamentos, material escolar e mais transporte ao centro da cidade. Destaco que meninas e meninos, jovens e adolescentes estudam em escolas municipais e estaduais localizados nos bairros, salvo os que se encontram no Ensino Médio, porque os bairros afastados ainda não dispõem.

Quanto à circulação e divulgação envolve a auto-estima da (o) participante: divulgação nas emissoras locais (rádio AM e FM), publicação em jornais e revistas locais, murais de escolas, publicação no Portal da UNEB e eventos na Bahia e outros estados para ampliar os estudos em torno do incentivo à leitura e toda problemática que a envolve, pois precisamos por em prática os conhecimentos acadêmicos em prol da sociedade de modo geral.

2 Em torno do desenvolvimento

A cidade espelha a alma humana. [...] espelha a cultura de um povo, seus costumes, suas crenças [...] permite que um povo se encontre para expressar seus sentimentos, para celebrar sua fé religiosa, para comemorar datas e eventos que julgue importantes. Mas também para trabalhar, para distrair-se, para morar. (RIBEIRO apud GAMA-KHALIL; CARDOSO; REZENDE, 2008, p. 105).

Este artigo resume procedimentos das ações. No primeiro encontro nas associações informadas (Conselho de Moradores do Alto da Cruz, Associação Comunitária do Bairro do Barreiro e Sociedade Beneficente e Defesa dos Moradores do Miguel Velho) mantivemos como metas – antes das leituras e escritas de textos, imagens e figuras – conversas informais a fim de deixarmos os grupos à vontade: apresentações individuais do grupo do CAMPUS II e, posteriormente, da (o) participante. Consideramos essa conversa importante para começo, porque obtemos informações sobre pessoas e situações, e, deste modo, muitas vezes, norteou o planejamento. A conversa circula entre desejo de participar, esclarecimento sobre encontros, além da ficha de inscrição elaborada para seleção, haja vista, que a participação deve ser livre. A ficha fornece dados para tomada de iniciativas sobre desenvolvimento da ação:

⁴ Material básico fornecido pelo CAMPUS II: papel ofício, papel metro, canetas, grafite, canetas *pilot*, computador, *datashow*, tintas para impressora, Cd, DVD, fita crepe, câmera digital (fotográfica e filmagem), transporte escolar e outros que porventura sejam solicitados e exigidos no decorrer do curso.

UNEB/PROEX – CAMPUS II – ALAGOINHAS-BA. PROJETO HISTÓRICO-CULTURAL:**HISTÓRIA LITERÁRIA ALAGOINHENSE. AUTORA:** Maria José de Oliveira Santos

marmano@oi.com.br 3421-3411

TÍTULO: Lendo Alagoínhas através de textos literários e informativos: revirando e revivendo memórias**FICHA DE INSCRIÇÃO****ASSOCIAÇÃO:****ESCOLA COLABORADORA:****DADOS PESSOAIS****Nome:** _____**Endereço:** _____**Contato:** Telefone: _____ E-mail: _____**DADOS GERAIS****1) O que costuma ler?** _____**2) Caso não aprecie ou não tenha o hábito da leitura informe os motivos** _____**3) Conhece poemas e romances de escritoras e escritores brasileiros?** _____**Em caso positivo cite.** _____**4) Conhece poemas e romances de escritoras ou escritores alagoínhenses?** _____**Em caso positivo cite nomes** _____**5) Aprecia atividades culturais?** _____ **Em caso positivo cite preferências** _____**6) Turno de disponibilidade para participação no curso de extensão**

() matutino () vespertino () noturno

Assinatura da(o) candidata(o): _____**Presidente:** _____**Direção cultural:** _____

Fonte: elaboração da autora do artigo, 2008.

Após conversa inicial utilizamos recortes de jornais e revistas, contendo matérias sobre a cidade e o bairro, sendo que cada participante tem direito a cópias dos textos selecionados – no Alto da Cruz, por ser período junino, no primeiro encontro foram utilizadas cópias de textos informativos que noticiavam os festejos, contrastando notícias e poemas de escritores locais e letras de músicas como forma de chamar atenção para a leitura; os resultados consistiram na entoação de canções seguidas de elaboração de poemas e complementação de lacunas sempre com foco no mês de junho: Santo Antonio, São Pedro, São João; na Associação Comunitária do Bairro do Barreiro aconteceu fato curioso e que nos chamou atenção: selecionamos textos ressaltando a violência que permeia no bairro e, como o grupo participante tinha idade entre doze o dezoito anos ficou indignado, enfatizando que os periódicos locais não destacam a riqueza do lugar. Então, os orientamos e solicitamos que fizessem papeis de jornalistas e escrevessem textos sobre o bairro seguidos de leituras e discussões;⁵ no Miguel Velho, por obtermos notícias antecipadas sobre o envolvimento do grupo adulto no que se refere à politização, selecionamos textos sobre localização do bairro que, pela distância, muitas vezes, é confundida como integrante do distrito, o que intranquiliza a população local. A matéria provou indignação do grupo, que fez com que procurasse a UAMA e obtivesse informações precisas, ficando claro que se trata do bairro mais distante do centro da cidade que Santa Terezinha e Barreiro; ainda no dia do encontro primeiro reapresentamos ao grupo o cordel **História do Miguel Velho** escrito por José Honorato, dos mais antigos moradores da localidade e conhecedor da história baseando-se na vivência no

⁵ Solicitamos do CAMPUS II equipamentos necessários aos encontros: computador, *datashow*, câmera, filmadora. Ao final de cada encontro organizamos relatórios e *clips* – foram organizados, até então, dois *clip*: um antes do Miguel Velho e outro ao final – contendo textos e fotos. No Miguel Velho filmamos a atividade final e estamos organizando jornais individuais a fim de distribuímos no dia da entrega dos certificados.

local ampliada pela história oral, e, a seguir, os trabalhos foram iniciados também pelos festejos juninos.⁶

Os encontros, considerando-se localização, população, culturas, aconteceram seguindo, variavelmente, etapas, pela necessidade de orientação e obtenção de resultados: 1) Saudação inicial. 2) Comentários iniciais em torno dos acontecimentos no encontro imediatamente anterior. 3) Ajustes posteriores. 4) Apresentação de imagens da cidade: escolas, praças, ruas, monumentos e outros. 5) Apresentação de fotos dos grupos ao elaborarem as atividades. 6) Apresentação de imagens das produções realizadas passadas pelo *scanner* para que acompanhem as realizações. 7) Apresentação de cópias de textos informativos e literários programados para a data. 8) Leitura e discussões da matéria jornalística e texto literário preferencialmente sobre o bairro, no caso da informação, e a cidade, no caso da Literatura.⁷ 9) Gênero selecionado a fim de que consigamos ler e escrever sem pressa e rigor quantitativo da escola formal: poema, cordeis, crônicas, textos narrativos. Nessas etapas foram incluídas outras atividades decorrentes das leituras e escritas como desenhos de bandeiras dos bairros, que aconteceram nas três localizadas:

Outra atividade incentivada pelas leituras foi participação em cenas de teatro amador, sob orientação de Heitor Rocha, pedagogo e educador social, no Miguel Velho. O procedimento foi antecedido pela leitura do poema “A praça”⁸, autoria da alagoïnense Maria José Ferreira; escrita de versos enfatizando as praças de Miguel Velho; ensaio e apresentação:



No Alto da Cruz de modo geral, desconheciam pontos tradicionais da cidade e descobrimos esta lacuna ao exibirmos um arquivo de *slides* contendo fotos da cidade – ao apresentarmos as fotos sugeridas no poema lido emudeceram. Para tentarmos solucionar a

⁶ A população local conhece o livro, mas não o havia folheado e lido do modo como fizemos: lendo, estrofe a estrofe, comentando-as e trazendo-as à atualidade. Nas discussões aconteceram momentos interessantes sobre o lugar: parteiras e professoras leigas antigas que ainda residem na localidade e a tristeza pelo descaso das autoridades em relação ao barro que serviu para fazer telas e blocos que ajudaram a construir casarões de final do século XIX e início do século XX (Convento São Francisco). Ressaltamos que a viúva do Senhor José Honorato, Senhora Dete, oitenta e dois anos de idade, participou dos encontros iniciais da extensão, mas afastou-se por problemas de saúde. O tempo que esteve conosco colaborou com informações, cantos religiosos antigos e redações de textos belíssimos, tanto individuais como em grupos.

⁷ O grupo de monitoras pesquisa pelas bibliotecas da cidade e redações de jornais em busca de matérias sobre os bairros selecionados a fim de que o grupo participante se auto-reconheça com sujeito da região. Percebemos a satisfação quando discutem e escrevem poemas sobre praças, rios, casas e pessoas da sociedade em que vivem. Quanto a contos, poemas, romances e crônicas os assuntos recaem sobre a cidade de modo geral, daí incentivar escreverem sobre seus bairros, quer em forma de versos, quer em forma de narrativas

⁸ A praça. Ai... Que saudade/Daquela praça florida/Com bonecas nas margaridas/Borboletas voando sem parar/E os beija-flores que não paravam de bailar. Ai... Que saudades/Ainda trago na lembrança dos meus tempos de criança/Tudo que fiz por lá./Da rodada de bicicleta, que pegava sem permissão/Meu irmão ficava bravo enchia-me de beliscão. Ai... Que saudade/Do pular de corda/Do brincar de roda/Da ciranda, cirandá que não cansávamos de cantar./Que pena!/Tudo isso acabou!/As brincadeiras na Praça foram trocadas pelos aparelhos.../Um deles é o televisor e o computador.

difficuldade realizamos uma proveitosa visita técnica, que resultou em leituras e produções escritas mais interessantes sobre a cidade e bairro e mais: o desejo das crianças passearem mais pela cidade antes desconhecida para elas:⁹



Fonte: arquivo da autora. Alagoinhas- Bahia, 01.08.2009

3 Em torno de resultados e dificuldades

A estratégia de ler, discutir e produzir textos produz resultados estimulantes, mesmo considerando a necessidade de tolerância e paciência com participantes cheios de energia (Alto da Cruz) ao lado da ansiedade natural do grupo do Barreiro e a tranquilidade do pessoal do Miguel Velho. Antes de iniciar qualquer atividade mantemos conversações, lembramos encontros passados, relemos e perguntamos como tentativas de rememorar a cidade e o bairro, bem como, ver o momento pós-curso de modo crítico e criativo. Mas, vale ressaltar, que, no Alto da Cruz, se os encontros ficassem reduzidos aos textos orais cansaria o grupo formado por meninas e meninos. Por isto, os momentos seguintes foram rigorosamente acompanhados de mostras de imagens e leituras de jornais e panfletos para estimular a criatividade, conforme programado para todos os grupos.

A idéia de ler e escrever sobre a cidade e os bairros torna-se significativo, porque enfatizamos que seus textos constarão como memórias/arquivos da historiografia da cidade. Percebemos, no Alto da Cruz, que os participantes valorizam mais a leitura pela apresentação de informações novas que para o crescimento pessoal ou prazer e foi isto que tentamos rever ao longo das estratégias apresentadas. Esta situação aconteceu ao contrário no Barreiro e Miguel, talvez, pela maturidade e desejos.

Para relacionarmos leitura e escrita nos apossamos da proposta “texto como pretexto” de Geraldi (1995). Deste modo, a partir de fotos pessoas, cidade, paisagens, bandeiras do Estado e município, textos literários e informativos conversaram e escreveram sobre a cidade e bairros, ampliaram conhecimentos individualmente, em duplas, trios ou grupos, conforme moradias, como no caso do Alto da Cruz, pois residem no Vale, Alto da Cruz e Vila Maçal. O tempo usado foi produtivo, considerando que ler envolve perguntar e responder e, assim, todos são beneficiados, haja vista, que as dúvidas são constantes. Alguns pontos antes considerados simples e fáceis pelo grupo de pesquisadoras se apresentaram como impasses e o posterior retorno aos livros em busca de novas experimentações. Os diferentes interesses

⁹ Caracterização dos grupos quanto às idades: Alto da Cruz, frequência cem por cento constituía por meninas e meninos entre oito e quinze anos; Barreiro, jovens e adolescentes entre doze e dezoito anos; Miguel Velho, dez a oitenta e dois anos.

entre participantes movimentaram a equipe: sentamos e discutimos novas estratégias (caso da visita a alguns pontos da cidade, teatro e música). E isto porque, fora da sala de aula existem motivos para ler e retornar ao contexto escolar energizado pela procura de novidades, necessidade de aprender algo, (re) criar e, ainda, como passatempo. Assim, a opção por outros suportes modificam pensamentos.

Na sala formal de aula, quase sempre, o incentivo à leitura recai em constrangimentos perante leituras autoritárias. Com isto não estamos afirmando que sejam desprezadas orientações, mas o equívoco recai nos procedimentos, pois a contemporaneidade exige, cada vez mais, a entrada em diferentes tipos de textos, inclusive na tela do computador. Percebemos isto ao levarmos aos encontros materiais exibidos e produzidos na máquina. Muitos textos foram elaborados com iniciação e orientação através do computador e tivemos duas reações agradáveis: a felicidade ao terem contato com a máquina e serem vistos através dela, no caso da exibição de fotos a cada aula.

Através do diálogo, muitas vezes, ouvimos a pergunta após leituras e início de produções textuais: “Professora, é pra fazer um poema ou escrever um texto?”. Fatores como intertextualidade, paródias e paráfrases são comuns em quase todos os tipos de textos e várias são as formas de apropriação do discurso percebido através da interdiscursividade (histórico, político e social), intertextualidade (alusões, citações) e intratextualidade (trechos de outros textos), tratando-se de relações que provocam interpretações positivas e/ou negativas de argumentos alheios. Koch e Travaglia (1995), por sua vez, apresentam coesão, coerência, conhecimento de mundo, conhecimento linguístico e partilhado, inferências, contextualização, aceitabilidade e informatividade como fatores dependentes da classe leitora, escrevente e ponto de vista ao que ampliamos com o pensamento de Jauss:

A historicidade da literatura não repousa numa conexão de ‘fatos literários’ estabelecida *post festum*, mas no experienciar dinâmico da obra literária por parte de seus leitores. Essa mesma relação dialógica constitui o pressuposto também da história da literatura. E isso porque, antes de ser capaz de compreender e classificar uma obra, o historiador da literatura tem sempre novamente de fazer-se, ele próprio, leitor.¹⁰

Nessa ação extensiva questão intrigante reside na ausência da produção literária municipal nas escolas locais. Outra questão, no entanto, mostra como são aceitos poemas, contos, crônicas e romances imaginados pelas pessoas que conviveram e/ou ainda convivem na região. Jauss sugere que o texto literário produz efeitos, agindo e convidando a participar de horizontes e, ao fazê-lo “[...] arranca o indivíduo de sua solidão e amplia suas perspectivas, este alargamento do horizonte dando-lhe a dimensão do que pode vir a ser” (ZILBERMAN, 1989, p. 110).

A quantidade de textos informativo e/ou literário constitui rica compilação de documentos para a posteridade do bairro e da cidade, contribuindo para preservação de sua riqueza e singularidades que, talvez, só o tempo valorize.

4 Considerações finais

As contribuições apresentadas podem servir como orientações para ampliar discussões em torno das argumentações que defendem o prazer do/pelo texto, considerando que não são

¹⁰ Trata-se de epígrafe utilizada por Hans Robert Jauss, capítulo VI do livro **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994, p. 9.

“originais”, mas estão dando certo através de atividades que exigem esforço, criatividade e pesquisa: escolha de textos informativos e literários; leitura que não busquem apenas informações; leitura de produções literárias locais para formação leitora; leitura de textos informativos para reconhecê-los e identificar fatos importantes; revisão de produções com o objetivo de divulgá-los e pensar na possibilidade de se descobrir escritora ou escritor. Enfim, trata-se de fazer da leitura motivo de encontro com data e hora marcada – sem preocupação com correções e avaliações – como espaço ao diálogo, como modo de ler a cidade e o município, pois o mundo estrangeiro a escola oficial já se encarrega de fazê-lo. Um dos pontos que mais chamou a atenção do grupo, ao final das etapas apresentadas, foi perceber a satisfação das pessoas ao participarem das atividades, provocando-nos as seguintes perguntas enquanto professoras: será que a nota afasta discentes da escola formal? Ou, por que será que a escola formal afasta crianças, jovens e pessoas adultas do contexto?

Referências

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CHIAPPINI, L. (Coord.). Da redação à produção de textos. In: **Aprender e ensinar com textos de alunos**. São Paulo: Cortez, 1997.
- FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore G. Villaça. **Linguística textual: introdução**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- GAMA-KHALIL, Marisa Martins; CARDOSO, Jucelén Moraes; REZENDE, Rosana Gondim. **O espaço (em) cena**. São Carlos: Claraluz, 2008.
- GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.
- KLEIMAN, Ângela. **Texto & leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 9. ed. São Paulo: Pontes, 2004.
- KOCK, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- SOUZA, Maria Feijó. **O pensionato “Paraíso das Moças”**. Rio de Janeiro. 1988. Ed. Max.
- TERZY, Sylvia Bueno. **A construção da leitura**. 3. ed. São Paulo: Pontes, 2002.
- ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.